

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Ciência, Cultura e Público: periódicos científicos-literários no Rio de Janeiro
oitocentista**

Moema de Rezende Vergara*

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar um periódico científico-literários, o jornal *O Vulgarizador*, que circulou na cidade do Rio de Janeiro durante as últimas décadas do século XIX. A idéia é perceber como estes periódicos, em um momento marcante de nossa história das idéias, eram vistos como parte de seu programa de ação de modernização e rompimento com a herança ibérica de nosso passado colonial.

Palavra-chaves: história da ciência, imprensa e imagem.

Abstract

The aim of this article is show a type of press, *O Vulgarizador*, from 19th century in Rio de Janeiro, which had interest in science and literature. The main idea is analyze how this kind of press, in an important moment of the Brazilian intellectual history was a vital piece of their modernization, overcoming a colonial past full of rhetoric and stressing the natural science learning.

Key-words: History of Science, press and image.

Nas últimas décadas do Império era inegável a importância que a ciência tinha no Brasil, seja pelas iniciativas do Imperador, seja pelos esforços de nossa elite letrada. Uma via de análise para conferir tal afirmação está na leitura dos periódicos científico-literários que então circulavam na Corte. Dentre eles, destacamos “O Vulgarizador: jornal dos conhecimentos úteis” (1877 – 1880), que tinha por objetivo “estar ao alcance de todas as inteligências”, entreteendo o leitor com as novidades do mundo da ciência. Este tipo de iniciativa existia no Brasil, só na Biblioteca Nacional podemos localizar mais de oitenta exemplares desta modalidade de imprensa presente no Rio de Janeiro do século XIX, mas também em países como a França e a Inglaterra.

Além disto, era objetivo da publicação a formação de um pensamento genuinamente brasileiro, no qual ciência e literatura tinham um lugar de destaque. A revista publicava em suas páginas tanto obras literárias de José de Alencar e Araripe Jr., quanto os trabalhos dos cientistas nacionais, como Batista de Lacerda e Barbosa Rodrigues. Cabe chamar a atenção para o fato de que nesse periódico havia um projeto de modernização nacional, que ganhou

* Pesquisadora Adjunta do Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCT. Agradeço o apoio do CNPq para o desenvolvimento da presente pesquisa

interessantes contornos, como por exemplo, no contexto do debate abolicionista. Assim, observamos o papel que a ciência e a tecnologia desempenharam na questão da substituição da mão-de-obra escrava, num momento de profundas mudanças sociais e políticas da sociedade brasileira.

Este periódico pode ser considerado um exemplo destas iniciativas de divulgação, que pretendia ser uma publicação semanal, mas que não conseguiu manter a periodicidade, durante os quatro anos de existência, editando apenas 40 números. Em suas páginas lia-se que era “Colaborado por Homens de Ciência e Estudiosos”: tais como os literatos Afonso Celso, José de Alencar, Araripe Jr. e Rangel S. Paio, bem como cientistas da época, que usavam o espaço para publicar suas pesquisas, como o botânico João Barbosa Rodrigues, o engenheiro F. Keller Leuzinger[†] e os geólogos Charles F. Hartt e Orville Derby. O exemplar avulso custava \$500 e a assinatura anual 12\$000 para residentes na Corte, nas demais províncias o preço era de 14\$000 por assinaturas. Pode-se considerar que o exemplar era acessível mesmo às classes populares, apesar de considerar o grande número de analfabetos da sociedade brasileira de então. A publicação contava, ainda, com apoio de alguns estabelecimentos que lá anunciavam: Livraria Escolástica de Nicolao Alves de Nascimento (livros para colégios e Academias); Cafeteria Fluminense; Fábrica de peças e consertos; Revista Industrial; Grande Empório de Chapéus; Manufatura Nacional de Móveis; Depósito de Máquinas de costura e tipografias.

O seu editor era português, Augusto Emílio Zaluar (1825-1882) chegou a cursar a Escola Médico-cirúrgica de Lisboa e veio para o Brasil em 1849. Tratou então de viver dos seus trabalhos literários e jornalísticos, conseguindo alcançar grande popularidade, sendo a sua colaboração muito requestada por todos os jornais. Em 1876, recebeu a comenda da Ordem da Rosa e era amigo de escritores como Machado de Assis e José de Alencar, nunca mais voltou a Portugal, apesar de manter contato com escritores portugueses como Alexandre Herculano. Publicou alguns dos seus trabalhos, sobre questões econômicas e administrativas do Brasil, e outras literárias. Suas mais conhecidas são: “Peregrinações pela Província de São Paulo (1860-1861)” de 1862, e “Doutor Benignus” (1875) tida como a primeira ficção científica brasileira (Cf. AMARAL, 2007 e SACRAMENTO BLAKE, 1970).

[†] Keller Leuzinger (1835 –1890): fotógrafo, desenhista, pintor e engenheiro. Chegou ao Brasil em 1856, para construir, contratado pelo Governo Imperial, para a construção da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré, registrando em desenhos aspectos da história, arqueologia e etnografia, tanto no Brasil como na Bolívia.

Um dos aspectos que nos chamou a atenção para trabalhar com *O Vulgarizador* foi seu caráter ilustrado. Assim, utilizamos o conceito de modernidade de Walter Benjamin, que via como um de seus elementos o jornal ilustrado, que afetou a forma de apropriação imagética, que se tornaram “humanamente mais próximas” (Benjamin,1975, p.15). Desta forma, a cultura de massa criou um paradoxo ao aproximar o que era distante, fazendo com que as imagens fossem consumidas como mercadoria. Porém, a maior circulação das informações não significava que um conhecimento que se restringia a um grupo limitado de especialistas se desvendasse totalmente ao público. Ainda segundo Benjamin, “os jornais ilustrados começam a se apresentar como indicadores de itinerários” (Idem, p.19). Juntos às ilustrações tornavam-se necessários, pela primeira vez, as legendas e os textos que iriam ensinar ao leitor como “ler” as imagens, criando uma nova relação aurática das imagens junto ao público. Desta forma o jornal que estamos analisando é em si mesmo um indício de modernidade.

É interessante notar que aquele jornal via a própria imprensa como um artefato de modernidade, junto com o vapor e a eletricidade (Cf. *O Vulgarizador*, 1877, p. 82). O *status* moderno do jornal não seria apenas de divulgar as novas idéias, ou seja, de veículo de civilização, mas também de produto das inovações tecnológicas de sua época. Em um artigo de 1877 *O Vulgarizador* afirmava que era recente no Brasil o processo de ilustração de livros e jornais, que eram gravados a mão, mas que com o advento do processo fotográfico podia-se, a partir daquele momento, transportar a imagem para uma chapa de zinco ou cobre. Os 12º e 17º números do jornal trouxeram, inclusive, imagens produzida a partir deste novo processo, chamado de Leggo de Nova Iorque (*O Vulgarizador*, 1877, p 89 e p.133). Uma outra inovação apresentada no periódico foi uma iniciativa francesa de produzir livros e jornais utilizando o sistema braille. O jornal falava deste invento “verdadeiramente maravilhoso que se tem dado á instrução dos cegos” (*O Vulgarizador*, 1877, 132). Assim, a técnica viria em auxílio a um segmento tradicionalmente excluído do mundo das letras, os cegos.

A sociedade brasileira daquele período estava se transformando em vários aspectos. Para a geração que estava escrevendo em periódicos como *O Vulgarizador* era evidente o fim da escravidão. A discussão sobre este tema girava principalmente sobre as formas de substituição da mão-de-obra. Bastante ilustrativo é um artigo de Silvio Romero na *Revista Brasileira*, no qual afirmava: “aquí não há escravocrata”, podemos ver que o seu projeto abolicionista tinha alguma proximidade com o d’*O Vulgarizador*:

Quero a libertação como o resultado de uma transformação orgânica da sociedade, e não como um produto das declarações sem alvo do Sr. Nabuco; ou uma invenção disparatada das teorias negristas; quero-a, como devem querer os representantes do espírito civilizador europeu... (Romero, 1881, p. 203).

Este “espírito civilizador” pode ser visto no artigo “O Trabalho” d’*O Vulgarizador*, que afirmava que quem olha para as “maravilhas do trabalho e da indústria moderna, não pode duvidar da lei eterna e ascendente do progresso!” Isto se devia às “descobertas científicas [que] engenharam mecanismos e adaptaram mais energéticos motores aos produtos aperfeiçoados da indústria e das artes, entre os povos e as nações civilizadas” (1877, p.81).

Em 1877, quando o jornal se iniciava, parte da sociedade estava atenta para a iminência da abolição e já se discutia quais seriam as melhores formas de sua implementação. Assim, era preciso preparar a todos para o fim do trabalho escravo. Ao destacar as possibilidades de inovação na sociedade a partir do emprego de novas técnicas, *O Vulgarizador* apontava nitidamente para mecanização dos meios de produção como alternativa para o trabalho escravo cujo fim se anunciava. Além de matérias sobre motores, eletricidade e industrialização há paralelamente vários artigos abolicionistas., como um artigo de Zaluar, “O Trabalho”, que trazia a estampa de uma mulher branca realizando um trabalho manual. O texto definia o trabalho como uma necessidade humana, que podia ser potencializado pelo uso da ciência, através das máquinas:

Honra por tanto ao trabalho que enriquece o operário e facilita o bem estar a todas as classes sócias, com esplendor e lustre da civilização. A nossa gravura representa uma dessas operárias desconhecidas. Sirva-nos de estímulo o seu labor modesto, produtivo e digno de respeito (O Vulgarizador, de 1877, p.81-82).

Nas últimas décadas do século XIX o Brasil observou um certo desenvolvimento industrial, devido tanto à crise da lavoura, com a baixa do preço do café, como à necessidade de incorporar a mão-de-obra do imigrante (Luz, 1975, p.60). Neste contexto, podemos entender iniciativas como a do Sr. Pedro Monteiro que solicitava do governo imperial privilégio[‡] para um tipo de motor elétrico que foi apresentado da seguinte forma no periódico:

[‡] Privilégio de invenção é o que decorre da patente de invenção, em virtude do que se assegura ao inventor o direito exclusivo de explorar comercialmente o seu invento.

Em presença de todas essas vantagens parece - nos ficar patente que o Motor Instantâneo está destinado a produzir uma benéfica revolução na industria, e que os nossos lavradores e fabricantes não poderão prescindir de seu auxilio, se quiserem estabelecer e desenvolver a sua produção em condições vantajosas e de rápido progresso (O Vulgarizador 1878, p. 180-181).

Assim, estas inovações não se dão no vazio, elas são a resposta pela qual a sociedade espera para resolver um problema concreto que é a substituição da mão-de-obra escrava e toda a transformação que isto acarretaria para os costumes da época.

Uma das mais fortes manifestações abolicionistas do jornal é a gravura “A Estátua do Liberto”, da qual não temos informações precisas sobre a sua procedência. Contudo, vários elementos contidos nesta imagem (ver abaixo) nos fazem crer que sua origem seja norte-americana. No centro há o escravo liberto que empunha um livro, sugerindo que sua liberdade se deve a uma lei. A imagem traz em si todos as etapas da escravidão em si mesma. Ao fundo, notamos um velho, cujo traje destoa do restante do grupo e indica que fora escravo. No canto direito vemos um casal de negros, vestido como burgueses (e calçados o que significava não serem escravos) e que observa a cena. À esquerda notamos um grupo de crianças e de um menino que provavelmente é alfabetizado pela forma que segura o livro. A imagem de 1878 não é um retrato dos negros do Brasil daquela época, mas talvez uma projeção do que deveria ser. Estes elementos se articulam como frases em um texto.

Talvez o editor d’*O Vulgarizador* não quisesse apenas a libertação dos escravos conforme o “espírito civilizador europeu”, mas também com o norte-americano. Não por acaso há no jornal um artigo sobre o Rev. Geosia Henson, o homem que inspirou o romance de Henriqueta Beccher Stowe “A cabana de Pai Thomaz”, livro que teve uma enorme importância para o fim da escravidão nos Estados Unidos (*O Vulgarizador*, 1878, p.209).

Em muitos sentidos, os Estados Unidos ocupam este estágio almejado pelo Brasil, por ser uma nação jovem, muitos homens do final do século XIX acreditavam que esta deveria servir de modelo para nós. Para aquela geração estava claro que havia um roteiro a seguir, e que passava pelas relações sociais, não só pela industrialização. Juntamente com o fim da escravidão, toda a sociedade brasileira deveria ser reformada, deixando para trás o que eles acreditavam ser o atraso herdado do período colonial português.



A Estatua do Liberto.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. In.: _____ Os pensadores. São Paulo: Ed. Abril, p.9-34,1975.
- LUZ, V. N. A luta pela industrialização no Brasil. São Paulo: Ed. Alfa-Omega,1975.
- “O motor instantâneo” . *O Vulgarizador*, n.23, 1878.
- “O Pai Thomaz”. *O Vulgarizador*, n. 27, 1878.
- PLACIDO E SILVA. Vocabulário Jurídico. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1978.
- ROMERO, S., “A questão do dia: emancipação dos escravos”. Revista Brasileira, 1881.
- WOLIN, R. Walter Benjamin: an aesthetic of redemption. New York, Columbia University Press, 1982.
- ZALUAR, A. E., Exposição Nacional de 1875. Tipografia Globo, Rio de Janeiro, 1875. “A Exposição de Filadélfia”. Imprensa Industrial, 10 de agosto de 1876.
- _____. “Um lago no Interior de Nova York”, *O Vulgarizador*, n. 12, p 89-90, 1877.
- BONDIVENNE, L. “A imprensa”, *O Vulgarizado*, n.11, p.82-84, 1877.
- ZALUAR, A. E., “O trabalho”. *O Vulgarizador*, n. 11, 1877.